

## SESSÃO EM 29 DE OUTUBRO DE 1902.

Discurso do Sr. Lopes Trovão

Alludo ás grandes lutas sustentadas pelo homem contra o passo, esquecendo-se de lutar contra o infinitamente pequeno, contra o microbio; allude ao estado em que se acha a Capital Federal, e reclama, em nome do decoro, que não tem sido respeitado. Explica a sua posição e serviços no tempo da propaganda republicana, mostrando que está ainda compenetrado do ideal pelo qual se atirou na vida publica, ao passo que o Governo e o povo não comprehenderam exactamente as instituições republicanas. Acha desculpavel o povo, que veiu da escola da ignorancia e da subserviencia, quando a officina era um prolongamento da senzala e o operario uma projecção do escravo; é o menos responsavel. Proclamada a Republica, trataram os politicos única e exclusivamente de procurar as altas posições de mando; todos quiseram ser grandes, occupar os altos postos, descuidando do povo, supprimindo escolas de menores, legadas pela monarchia, e até a pequena colonia do Galeão, propriedade que o Mosteiro de s. Bento passou ao Governo, propositalmente para beneficio das crianças e foi transformada em colonia de alienados.

O orador só quis a Republica como instrumento de progresso, para elevação do carater nacional; entende que a democracia não se faz cá em baixo, mas no alto, e combate o argumento supremo de que o paiz não estava preparado para a Republica. O povo só aprenderia a ser independente, exercendo os seus direitos, mas ninguém tratou absolutamente da educação do povo. Faz a descripção do que se vê e do que se soffre nas ruas da Capital, e, após considerações a respeito, julga principaes responsaveis de tal estado a municipalidade e a policia, caracteristicos de toda a sociedade civilisada.

Mostra como é menoscabada a municipalidade; como desconhece os seus deveres e a sua importancia, e se occupa a propagar a embriaguez nos kiosques e nas tavernas, permittindo nos domingos a venda da cachaça e do alcool, ao passo que prohibe a venda de alimentos ao povo.

Allude ao jogo e faz considerações sobre a sua exploração e damnos que causa, menores, comtudo, do que os causados pelo alcool, que enche as prisões, os hospicios de alienados, e prejudica a descendencia até a Quinta geração.

Refere factos criminosos praticados por alguns ébrios e os abusos de taverneiros, que os exploram, mostrando a necessidade de serem reprimidos taes crimes.

Discorre sobre a mendicidade e a necessidade de se lhe pôr um paradeiro; nomeia mendigos, que andam esmolando diariamente e são reconhecidamente homens ricos; tendo sido visto um delles, hespanhol, levar a um baneo a quantia de dez contos de réis, para ser remetida para a sua terra.

O orador diz que é preciso que nos limpemos, que nos asseiemos, tanto mais quanto para isso teem concorrido extraordinariamente elementos que não são elementos nacionaes, nem se prenderam ao Brazil por nenhum esforço, por nenhum trabalho.

Allude ao movimento das Casas de Detenção e de Correccão, lendo a respeito documentos sobre a cifra das entradas, mostrando que é maior a cifra dos estrangeiros homens, do que a dos nacionaes, dando-se o contrario quanto ás mulheres, e fazendo a respeito demoradas considerações, no sentido de mostrar a necessidade de se organizar a defesa da sociedade.

Refere-se ás suas opiniões cosmopolitas, affirmadas por toda a parte e longamente; acceita e louva os estrangeiros uteis e operarosos, o portuguez, o italiano, o allemão e outras nacionalidades que cooperam para o progresso do paiz; não vendo, porém, vantagem na immigração turca, por exemplo, que é um parasita na sociedade.

Depois de tratar longamente deste assumpto, refere-se aos seus projectos, dos quaes versa um sobre o alcoolismo, outro sobre mendigos e vagabundos, outro sobre prostituição, outro sobre menores, e outro sobre colonias correccionaes, ou de precaução; explica-os e os justifica, tirando exemplos do que se faz em outros paizes cultos, e lembrando que é preciso tratar dessas questões, porque dizem com a moral publica e com o futuro das crianças, cuja situação o orador descreve, alludindo ao que se passa até em praça publica da Capital.

O orador falla em si; diz que occupa a sua cadeira de Senador como quem guarda um posto de defesa. A cadeira não é sua; é do primeiro a quem o suffragio popular mandar para o Senado.

Diz que o poder entre nós é um banquete de spatriatas e o orador é um ilota.

Proclamou-se a Republica a 15 de novembro de 1889 e tem-se reincidentemente chamado ao poder individuos que teem dado invariavelmente provas da maior incapacidade, para ser-lhes distribuida uma particula do Poder Executivo. Nunca serviu para estas cousas.

Continua na Republica a ser utopista, sonhador, como o fôra na monarchia. Tem procurado por todos os meios amordaçar as suas palavras. Vem com a sua reputação do passado para o presente, e o presente deve ser o da reorganização social e tem o direito de collaborar nesta obra, mesmo nos poucos dias que lhe resta no seio do Congresso, por isso que, si a cadeira que ora occupa provocar appetites, o orador, por amor á Republica, será o primeiro a abrir mão de sua candidatura, não apresentaria por si, mas por um punhado de amigos dedicados.

E, para descanço dos que lhe almejam o logar, precisa declarar bem alto que não pedirá para si um voto sequer, porque isto importaria reconhecer attributos e qualidades que não tem.

Si tem algum merito pelos serviços passados, que façam delles uma escada e deem-lhe a mão para subir por ella acima, porque voluntariamente não a subirá.

Não é dos que perderam de todo a fé na reconstrucção do que há por ahi. Foi um dos eleitores que, franca e ostensivamente, votaram para Presidente da Republica no Sr. Quintino Bocayuva, mas não tem razões para descrer do homem que vem. Elle foi seu companheiro no Senado, e, quando não lhe sobrassem talento e illustração, elle dispõe de muito outros predicados. S. Ex. é extraordinariamente delicado, é habil, fino qualidades indispensaveis no momento actual de dissolução moral. Confia nelle, mesmo porque há uma lei em sociologia que é preciso respeitar: é a lei dos rythmos.

Tivemos dous presidentes republicanos no poder e durante este periodo o que foi feito de seus correligionarios? Para responder, basta attender para as ameaças a que estão sujeitos Lauro Sodré e Serzedello Corrêa.

Não aconselha ao successor do actual Presidente da Republica que lhe siga a mesma politica dos governadores, porque isto seria matar de todo a liberdade politica no Brazil, mas é preciso seguir a lei dos rythmos.

S.Ex. foi recebido na Republica de braços abertos e em breve vae occupar o primeiro logar neste regimen; pois bem, ao inverso do que fizeram os seus dous antecessores, que apenas fizeram dos republicanos bestas de carga, governe com os republicanos, não os republicanos que teem este titulo sómente porque vieram da propaganda, mas os republicanos que se conservam fieis ás ideias que pregavam e aquelles que adheriram á Republica, servindo-a com amor e dedicação.

É preciso salvar o paiz, e, em um paiz como este, com falta de idéal o de moral, é preciso que alguém surja para dar orientação a isso, para sacudir esse torpor. E o orador, com quanto não tivesse dado o seu voto ao Sr. Rodrigues Alves, conta que elle saberá cercar -se de

republicanos que tenham compreensão exacta do regimen, para dar a este paiz aquillo de que elle precisa: - moralidade e idéal. (Muito bem; muito bem).